

UMA VIAGEM À CIDADE DE ULISSES

Jane Rodrigues dos Santos

UFF

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira

UFF

Resenha de GERSÃO, Teolinda. *A cidade de Ulisses*. Romance. Lisboa: Sextante Editora, 2011. 206 p.

“Expor-se é também esconder-se. E também no disfarce os criadores são mestres, [...]” (GERSÃO, 2011, p. 17).

Tal como imaginamos, o último romance de Teolinda Gersão, *A cidade de Ulisses* (2011), revelou-se uma agradável leitura de bordo de volta ao Rio de Janeiro, seja por evocar as imagens lisboetas recém-visitadas, seja por seduzir com o instigante convite reproduzido na contracapa do livro: “Os viajantes vão à procura de si noutros lugares” (p. 31). Irresistível, portanto, pensarmos: o que buscamos nesta “Cidade de Ulisses”?

Ainda distantes de responder esta pergunta, deixamo-nos comover por uma história que, longe de apresentar a odisseia de um herói, aproxima-se da encantadora fórmula de Teolinda Gersão de revelar a possível e simples transformação do humano, algo já feito com personagens femininos como Lídia, Hortênsia, Julia, Vitória, e que agora se aplica a um homem, o artista plástico Paulo Vaz, fato que concede um aspecto novo à obra: é o seu primeiro romance declinado em masculino.

Quanto à forma, a narrativa revelou-se também diversa do modelo desconstruído dos romances iniciais – *O silêncio* (1981), *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984) – escritos à moda dos tempos imediatamente Pós-25 de Abril, nos quais figuravam as nossas – devemos confessar – protagonistas favoritas. Mas apesar da aparente simplicidade narrativa, fomos gostando daquele modo desprezioso de escrever que sempre nos deliciou nos contos.

Vemos que a autora está mais uma vez às voltas com os caminhos da arte e a vida cotidiana, revelando incompatibilidades, a resistência dos que fazem esta escolha e mesmo o infortúnio daqueles que dão as costas para o dom poético com que se pode transfulgorar o nosso dia a dia. Deparamo-nos com a história de um artista renomado que, diante do convite para realizar uma exposição sobre Lisboa, sua cidade natal, inicia uma tateante narrativa memorialística de sua vida, tendo como mote a lembrança de uma exposição similar, imaginada e compartilhada com sua ex-aluna e ex-amante Cecília, também artista plástica. Imiscuída a estas lembranças, desponta a infância do protagonista, marcada

pela conflituosa relação com o pai repressivo e ditador, segundo o qual o pensamento pragmático deveria se sobrepôr a formas “inúteis” como a arte, e pela cumplicidade com a mãe, com quem partilha o secreto espaço de criação do sótão da casa paterna, lugar no qual, enfim, filho e mãe podem dar vazão à vocação criadora. Entretanto, estes momentos breves, furtados ao cotidiano opressor-doméstico, não salvam a mãe, que castrada em sua fonte criativa pelo marido, termina por acolher o mal de Alzheimer.

Em contrapartida, a história de Cecília redime aquela da mãe do protagonista, visto que faz a sua iniciação artística quando vive sob o mesmo teto com este homem um pouco mais velho, que lhe nega uma possível experiência de maternidade. No entanto, além de artista, Cecília é mulher e deseja um filho por ter esperanças no futuro, ao contrário do seu desencantado companheiro. Separam-se até que um dia se encontram, após muitos anos de uma forma casual e, mais adiante, de modo profissional através da exposição, que dá título ao romance, precisamente em torno do projeto antigo da moça junto com o parceiro. Trata-se de um encontro artístico e não pessoal, pois o evento se organiza e se realiza graças a Paulo num preito de reconhecimento à obra da amada, já falecida.

Apesar da declinação em masculino e do tom mais direto, o argumento do feminino brilha por entre estas contingências narrativas. Conceber uma mulher que segue o seu desejo, a despeito do amor que a liga a um homem, é algo admirável, tal como vimos em heroínas anteriores da obra gersiana. De novo se trata de romper um esquema prévio e criar um destino de mulher onde há lugar para o amor, a maternidade e a criação artística. A descostura inicial do romance, de escrita simples e quase infantil com que tece a narração da vida cotidiana em Lisboa (cap. 1), nos sugere os desconsertos afetivos do próprio narrador. Talvez por força desta sua superficialidade estrutural, acaba por surpreender-se, junto com o leitor, ao tomar conhecimento da ampla e significativa obra produzida, sem alarde, pela companheira, que havia escolhido um estilo de vida que compatibiliza a arte e a vivência familiar com filhos e um marido.

É interessante notar que o percurso do protagonista revela-se em parte por meio da escrita de cartas, endereçadas imaginariamente a duas mulheres de sua vida: Cecília, um amor que o impele à escrita e à recomposição de sua obra artística, e a juíza Sara, sobre a qual pouco se sabe, mas para quem retorna Paulo em terras estrangeiras, após entregar-se a este trabalho de rememoração/transfiguração do passado e posterior metamorfose de si, pela escrita e, por que não dizer, pela leitura dos cadernos e herança epistolar desta mulher. O romance é, principalmente, uma carta de Paulo a si mesmo, do contrário não narraria esta história. Ele a narra, porque precisa fazê-lo, assim como o narrador do conto “Ponte na Califórnia” (*A mulher que prendeu a chuva*, 2007), que ultrapassa uma mágoa antiga ao encontrar a escrita.

Ao considerarmos a trajetória do narrador Paulo Vaz, tornam-se mais compreensíveis o ritmo inicial hesitante e a profusão de informações histórico-geográfico-culturais sobre

Lisboa e Portugal que substituem o tom fabular-narrativo pelo didático-dissertativo. A paragrafação sequenciada espelha a própria insegurança do personagem pouco habituado ao exercício da escrita, que assim oferece ao leitor da obra uma série de “links” por meio dos quais revela, sem subterfúgios, as mazelas da sociedade portuguesa, deixando para a ex-assistente a sublime função de transfigurar o simples real em objeto estético. Pois “as palavras estavam lá também para serem lidas, e encerravam ou encenavam mundos.” (p. 192). Afinal, caberia a Cecília e não a Paulo o gosto pelos fragmentos, essa ideia de:

[...] uma cidade feita de pedaços, que eram pontos fulcrais de uma estrutura [...] a tessitura, a construção a partir de fios ou segmentos, até que, da junção de muitos, os motivos se tornavam visíveis: um desenho, geométrico ou não, uma figura, uma cena, ou toda uma narrativa, uma história, enquadrada por uma cercadura, e destacando-se sobre um fundo neutro, ou vazio. (p. 59).

Em fase final desta nossa viagem de leitura, convém agora respondermos: o que buscamos em *A cidade de Ulisses*? Ou seria melhor questionar, o que encontramos em *A cidade de Ulisses*? É sobretudo uma narrativa que encanta pela recolocação da questão do feminino cintilando por entre a letra de uma narração em masculino. Nela está a força do desejo de uma mulher, que conjuga as possibilidades criativas da existência tanto na obra artística como no exercício da maternidade e que não titubeia quando não o pode realizar com o homem escolhido a princípio. Também reencontramos dentro do romance uma parte – a narração das relações entre Paulo e o gato de Cecília (p. 121-133) – como um episódio que mostra a exímia arte do conto praticada pela autora, num procedimento já usado em *Os guarda-chuvas cintilantes* (“a moça e o casaco de pele de raposa”), ambos revelando experiências vibrantes e estonteantes metamorfoses que advém aos personagens. Na sua totalidade, o ritmo da narrativa prende o leitor do início ao fim, em especial o último capítulo que é tecido de surpresas e delicadas emoções.

Sem dúvida, de tudo isso fica-nos na memória a salutar transformação do narrador-personagem nestes tempos pós-modernos em que as subjetividades flutuam sem direção...

REFERÊNCIAS:

GERSÃO, Teolinda. *A cidade de Ulisses*. Lisboa: Sextante Editora, 2011. 206 p.

MINICURRÍCULO:

Jane Rodrigues dos Santos é doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Realizou estágio de Doutorado no Exterior (Bolsa PDEE – CAPES), na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2010). Mestre em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2006), com dissertação sobre Teolinda Gersão. Especialização em Literatura Portuguesa,

com monografia sobre José Cardoso Pires (2003). Colaboradora/ pesquisadora da Academia Brasileira de Letras – ABL – e membro do conselho editorial da *Revista Eletrônica Icarahy*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF.

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira é professora associada III, realizou estágio sênior junto à Universidade Nova de Lisboa (2009-2010) e Pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (2002). É doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (1997), mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (1991), com tese e dissertação sobre José Saramago. Atua na Universidade Federal Fluminense como professora de Literatura Portuguesa desde 1986. Possui experiência de ensino e pesquisa na área de Letras, subárea de Literatura Portuguesa e Literatura Africana de Língua Portuguesa, com pesquisas voltadas para as questões da escrita e do sujeito na contemporaneidade, com destaque atualmente para a obra de Maria Gabriela Llansol.